

Maternidade

Aconchego no parto

Doulas, mulheres que dão suporte físico e emocional às gestantes, humanizam os nascimentos e tranquilizam os pais

Kátia Camargo katia.camargo@rac.com.br

Após a experiência do nascimento dos quatro filhos, a pedagoga uruguaia Lucía Caldeyro Stajano, 70 anos, começou a trabalhar como voluntária no Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism), da **Unicamp**, incentivando as gestantes a optarem por um parto mais natural. Ela fazia parte de um grupo de parto alternativo da instituição. Um dos incentivos para entrar nesse grupo é que seu filho caçula, hoje com 36 anos, havia chegado

ao mundo de parto de cócoras. “Tudo foi respeitado e esse cuidado foi muito importante. Foi então que resolvi que precisava dividir essa experiência com outras mulheres”, lembra.

Naquela época nem se falava em doula, mas Lucía conta que sempre teve esse olhar para o parto, porque seu pai, Roberto Caldeyro Barcia, foi um importante médico obstetra que dedicou toda a sua vida a pesquisar a fisiologia do parto em Montevidéu, no Uruguai, recebendo inclusive in-

dicação ao prêmio Nobel. O papel da doula é tentar resgatar o potencial de dar à luz de forma natural, mas acompanhado pelos profissionais da saúde. “Já acompanhei mais de quinhentos partos e capacitei mais de mil doulas nesses trinta anos”, conta.

MERGULHO NA GRAVIDEZ

Quando Francielle e Mário Silvestre decidiram que queriam ser pais, optaram por viver a experiência da forma mais completa possível. Fran,



Não é todo hospital que trabalha com doulas, mas Mariana Herrera Ornela, 35 anos, teve a sorte de contar com o olhar carinhoso de uma quando seu segundo bebê nasceu: segurança

como é conhecida, mergulhou no mundo das gestantes - antes mesmo de engravidar - e resolveu que faria de tudo para ter o parto mais natural possível e, no caso dela, deu certo. “Estávamos prestes a vivenciar um dos momentos mais lindos e intensos das nossas vidas. Então comecei a pesquisar tudo sobre gravidez, parto, sensações e isso incluía aprender a escutar e respeitar o corpo”, lembra.

Com o positivo em mãos o casal encontrou uma obstetra que partilhava dos mesmos ideais. A médica os aconselhou que contassem com o apoio de uma doula. “Meu objetivo era sentir a gravidez e deixar a natureza agir. No primeiro momento fui movida pela curiosidade e foi um lindo mergulho nesse universo. Com a doula aprendi que não importava se o bebê fosse nascer de forma natural ou cesárea, porque o importante era es-

tarmos todos bem. “Parto ideal é que é seguro para a mãe e para o bebê”, destaca.

“No dia 28 de dezembro, Martin chegou ao mundo como sonhamos, de parto natural. Foi lindo, emocionante e inesquecível e a doula foi fundamental. A bolsa rompeu à meia-noite e Martin nasceu à 1h28”, detalha. Francielle conta que no decorrer do processo a doula foi sanando as dúvidas, acalmando as inquietações e preocupações e tê-la por perto na hora do parto foi reconfortante. “Hoje, Martin tem quatro meses e uma dos grandes aprendizados que tirei dessa experiência foi a união do casal. Mais do que nunca acredito que nós mulheres somos feitas para dar à luz de forma natural e contamos com a tecnologia, caso seja preciso. Temos mil motivos para celebrar o parto que desejamos”, diz.



Francielle - arquivo pessoal

Francielle com o marido Mário e o filho Martin: “Temos mil motivos para celebrar o parto que desejamos”

SUPORTE EMOCIONAL

No grego, doula quer dizer ‘mulher que serve’. Uma prática que a cada dia ganha mais adeptas é ter essa profissional acompanhando os passos da gestação. O papel da doula é oferecer suporte emocional, físico e informativo. Antes

Maternidade



Leandro Ferreira/AAN

A enfermeira obstetra Clara Sanfelice, mãe do Henrique e Gabriela, também optou por ser acompanhada por uma doula em seus dois partos



Dominique Torquato/AAN

Lucia Caldeyro Stajano, 70 anos, doula: "Já acompanhei mais de quinhentos partos e capacitei mais de mil doulas nesses trinta anos"

Maternidade

Álbum pessoal



Mariana Herrera Ornela, 35 anos, é mãe de Clara e Maria, de 11 e 2 anos: olhar da doula trouxe aconchego e segurança

o conhecimento sobre a maternidade era repassado na família, das mulheres mais experientes para as mais novas, das mães para as filhas, ou pelas avós, tias, mas isso se perdeu com a medicalização da assistência ao parto. Atualmente, a doula ajuda a preencher esta lacuna e faz parte da equipe do parto, junto com o parceiro, parentes, médico e enfermeira.

Esse apoio foi fundamental para a psicopedagoga Mariana Herrera Ornela, 35 anos, que é mãe da Clara, 11 anos, e da Maria, 2 anos. “A gravidez da Maria teve o acompanhamento de uma doula e posso dizer que foi incrível. No começo eu me preparei para o parto normal, já que não tinha tido essa experiência na primeira gestação. Mas, mesmo tendo que fazer cesárea, o olhar carinhoso, a dedicação, preocupação profunda e verdadeira da doula trouxe aconchego e segurança”, lembra.

Mariana conta que foi ao hospital por conta de uma emergência e não conseguiu preparar nada para o parto. “A doula acabou sendo a minha fotógrafa oficial também. Além disso, ela me acompanhou no pós-parto, inclusive na amamentação”, lembra.

A enfermeira obstetra Clara Sanfelice, 33 anos, mãe do Henrique, 6 anos, e da Gabriela, 3 anos, também

optou por ser acompanhada por uma doula em seus dois partos. “Tive parto domiciliar e a presença da doula foi muito importante. Desde o começo das duas gestações tive isso bem definido”, diz. Clara conta que também tem formação de doula. “Esse olhar mais completo me ajuda bastante também no dia a dia dentro do hospital”, acrescenta. ■

Cesáreas

A Organização Mundial da Saúde (OMS) pretende reduzir o número de cesáreas praticadas no mundo. Para isso publicou novas recomendações sobre padrões de tratamento e cuidados relacionados a mulheres grávidas. O objetivo é reduzir intervenções médicas desnecessárias. Segundo a

OMS, no Brasil, os dados de 2016 apontam que 55,6% dos partos no País foram cesáreas, a segunda maior taxa do mundo, superada apenas pela República Dominicana, com 56%. Em média, a taxa de cesáreas hoje na Europa é de 25%, contra 15% há 20 anos. Já nos EUA, a taxa é de 32,8%.